

NS'

IN' Biografias
invadem
as livrarias

égas Moniz
por Lobo Antunes

José Xavier
é um dos principais
especialistas
mundiais
no pólo sul.

Portugal anticrise

Cinco
histórias
de gente que não
se deixa vencer
e procura a excelência
nas suas
áreas.

A oportunidade do erro

A ideia de Joana Astolfi para combater a crise é reciclar materiais obsoletos de exposições pagas pelos cofres do Estado. O seu cavalo-de-batalha para derrotar o «nacional-pessimismo» dá pelo nome de «beleza do erro».

Foi a partir da «beleza do erro» — que a arquitecta Joana Astolfi (www.joanastolfi.com), designer e artista plástica, levou em 2010 à LX Factory, em Alcântara, uma exposição com quarenta artistas de todo o mundo em que se mostrou como os erros, tal como as crises, podem ser providenciais para o mundo. Joana é uma das três sócias da PuppenHaus — a par de Christina Bravo e Felipa Almeida —, uma empresa de eventos culturais de arte contemporânea. Além do feito de projectar um evento de calibre internacional — com orçamento de *fantasie* —, Astolfi e as suas pares lançaram um conceito para o futuro. «Estar em crise é conviver com o erro, mas como dizem os chineses também é viver na oportunidade. Tudo é maleável, a começar pelas ideias sobre as coisas e o seu potencial de transformação. Isso vale tanto para a arte como para a política e a economia», diz.

Esta é a voz de quem vê um grande poder nas ideias e as aplica sem esperar por melhores dias. Entrar no atelier de Joana, que fica na livraria Ler Devagar, na rua principal da LX Factory, é verificar a expressão sincera das suas palavras. Tudo o que esteja à mão de senear de Joana terá uma nova vida. «Sempre fui uma coladora. Os meus recortes são os mercados tipo feira da lada, as retrotrias da Baixa, onde ninguém entra, ainda mais úteis em tempos de crise. Lisboa está cheia destes sítios esquecidos que estão carregados de oportunidades de se reinventarem», diz. Um par de búzios comidos pelo sol, um vidro por um erro, passou a ser articuladores de relaxamento. Uma dúzia de estatuetas da Virgem Maria é agora um ícone de moda. Entrar no imaginário de Joana é viajar na certeza da lei de Lavoisier de que na natureza nada se perde, tudo se transforma.

Joana tem agora a ideia de uma reciclagem nacional. «Imagino-se que há uma exposição com um investimento de mil

nheiros mil euros e grande parte desse dinheiro é aplicado em expositores ou matérias-primas. Em vez da destruição ou do depósito a fundo perdido num qualquer armazém, porque não reutilizássemos os materiais mostra exposições ou do-los a cenaristas, companhias de dança, teatro...? Foi por esta e por outras ideias, e um já extenso currículo para os seus 35 anos, que o British Council (BC) a nomeou, no passado mês de Dezembro, representante portuguesa numa conferência mundial de líderes culturais (em Londres).

O projecto de Joana para o BC será organizar uma conferência (em Março de 2011, no Museu do Design/MUDE), seguida de um debate, mais uma vez centrado na importância da beleza do erro. «Vou moderar uma mesa-redonda onde estarão pessoas que trabalham diariamente com o erro, seja na escrita, na arte ou na política cultural. Miguel Esteves Cardoso, enquanto escritor. O espanhol Jaime Hayon, como designer. O holandês Jurgen Bey, que usa o humor como terapia. A Vera Cortés, na pele de galerista.

O Miguel Palma, como artista plástico. A ideia é explicar como os acidentes do processo criativo podem ser providenciais. O erro não é para descartar, mas para evidenciar. A arte nunca tem quatro paredes.»

Joana está mais interessada no processo do que no produto final. «O erro acontece no processo. Posso empancar e deitar fora a tela ou pô-la de lado, ou rasgar o que escrevi, ou apagar a música. Ou então parar e ver se afinal não há ali uma verdade. Um *bit* que soa bem, uma frase que tem *punch*. E de repente abre-se uma porta. Ou então o *work in progress* que leva à destruição e também faz parte da arte. O bual, por exemplo, fazia a esortação do erro. O erro pode ser bonito se o celebrarmos. Eu ma-

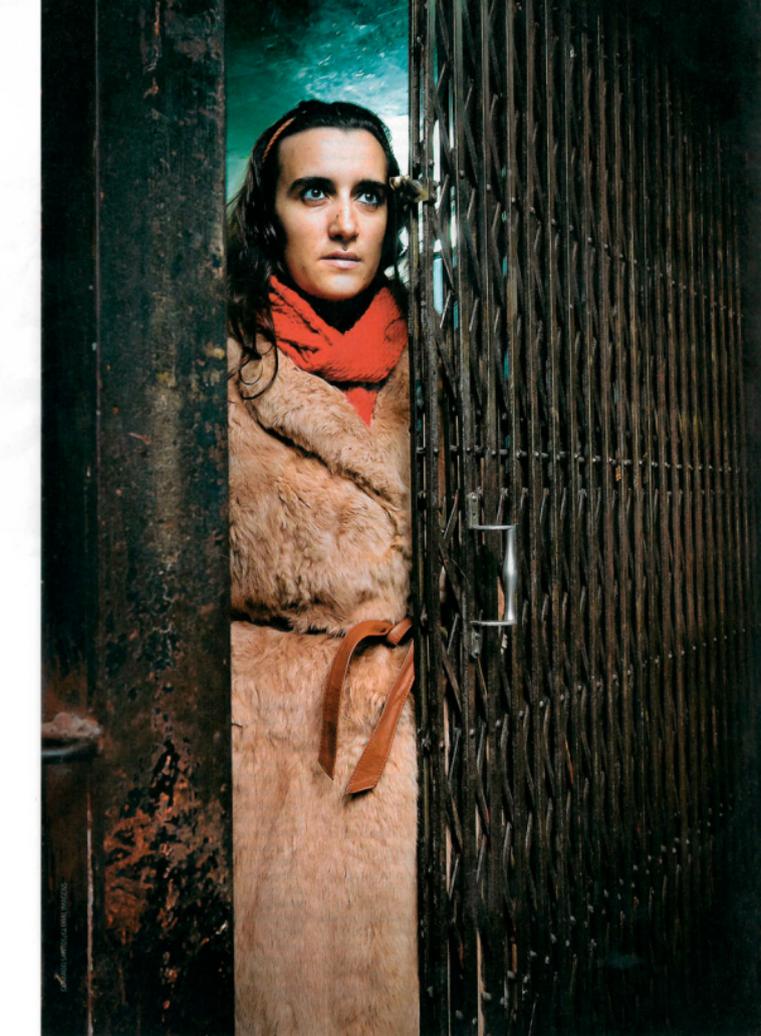
nipulo do erro. Digo-lhe é meu, anda cá, eu vou trabalhar-se».

Joana esteve em Londres, onde, aos 23 anos, já projectava condomínios de luxo alternativos. «Vivi e trabalhei fora do país durante dez anos, o que me leva a acreditar que o melhor trabalho se faz com intercâmbios culturais. A exposição ao mundo torna-nos muito mais criativos. Tenho a convicção de que é extremamente importante que os estudantes portugueses estejam em contacto com o que se passa no mundo na sua área. É uma forma de inspiração e desafio», dizia. E porque voltou? «Lisboa é a melhor cidade do mundo para viver», diz. E, mais a sério: «O que faço não tem fronteiras.»

Joana considera que o principal calcanhar-de-aquiles dos criativos portugueses é o medo de arriscar. «Está tudo parado. Está toda a gente com medo de perder o emprego, o estatuto. Vivi fora do país 11 anos e consigo perceber que pelo menos Lisboa hoje é uma cidade com *buzz*. Todos os dias é possível fazer um programa cultural diferente. Ainda falta é um *push* criativo permanente. E o resto do país é quase um deserto. Há muita gente sentada à espera, muita subsidiodependência e quase ausência de mecenias e patrocínios sistemáticos como há em países onde a cultura é um bem de primeira necessidade.» Um exemplo: os designers estão dependentes de fabricas, da indústria, para realizarem as suas peças. E contam-se pelos dedos os mecenias.

Em Itália, Joana foi convidada para integrar o projecto FABRICA, o centro de pesquisa criativa da Benetton, onde desenvolveu, ao longo de dois anos, projectos mistos de *design*, arte, vídeo, fotografia, artes gráficas e música. Em 2003, criou e concebeu uma mostra representativa de António Canova, o escultor italiano mais destacado dos séculos xviii e xix, no Museu Clívico de Bassano del Grappa, que foi nomeada para o Prémio Nacional de Design Italiano. Em Portugal,

a sua maior realização até à data foi a mostra dos 100 Anos da CUF, no Barreiro, em 2008. «Mexeu com muita gente, mas como estava no Barreiro não teve um décimo da visibilidade», recorda. «Esse é dos maiores problemas do país, aquilo que chamo de provincianismo ao contrário. Há coisas importantes em Portugal fora das grandes cidades, feitas pelo Siza, o Távora, o Cyrne, sobretudo ao nível da habitação social.» Joana fez máquinas de café para a Nescafé. Mas, acima de tudo, é o poder da ideia que lhe interessa. A força vem daí, de um conceito, e não da estética. E, neste momento, a matéria da arte chama-se crise.



PARA JOANA ASTOLFI, OS CRIATIVOS PORTUGUESES TÊM MEDO DE ARRISCAR: «HÁ MUITA GENTE SENTADA À ESPERA...»